



GOODMAN, Felicitas D. **Speaking in Tongues: A Cross-cultural Study of Glossolalia**. Chicago: University of Chicago Press. 1972.

Resenhado por Barbara Gomes<sup>1</sup>

IH/UFRJ

<http://lattes.cnpq.br/6520370693196139>

Felicitas D. Goodman nasceu em Budapest, Hungria em 1914. Se formou em linguística e fez doutorado em Antropologia cultural em Ohio. Sua orientadora no doutorado foi Erika Bourguignon, a primeira a mostrar para Goodman fitas com gravações glossolálicas. Goodman publicou mais de quarenta trabalhos, seu mais famoso livro *The Exorcismo f Anneliese Michel*, foi a inspiração para o filme *O Exorcismo de Emily Rose*. Em *Speak in tongues*, O objeto de análise de Felicitas Goodman é a glossolalia, mais conhecida como “falar em linguas” pelo movimento Pentecostal. Ela se baseia no que é o comportamento glossolálico e de que jeito este comportamento é tratado na literatura. A autora analisa a glossolalia de duas congregações Pentecostais do México, a Igreja Apostólica de Yucatan e a Cuarta Iglesia Apostólica da cidade do México.

Sua pesquisa é voltada não só para a glossolalia, mas para o alterado estado de consciência como um todo. Ela inicia seu livro dizendo como grande parte da literatura sobre esse tema é representada de forma errônea; este tema é pouco reconhecido e interpretado por alguns autores como loucura, alucinação, epilepsia ou esquizofrenia. O material sobre esse assunto é muito escasso e a maioria dos pesquisadores que tiveram contato com este objeto de análise estudaram o caso com sinais de desaprovação. Segundo Clark (1934), citado na introdução, as pessoas engajadas nesta diferente manifestação possuem um diferente sistema

---

<sup>1</sup> Barbara Gomes graduanda (bacharelado e licenciatura) em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

nervoso e um cérebro inferior, o autor interpreta esta manifestação como uma doença anormal.

O falar em línguas é um comportamento de tendência psiquiatria que requer maior atenção da neuropsicologia, da linguística e da antropologia. Por mais que se pesquisem dados científicos para este tema, ele sempre possuirá uma forte dependência da teologia. Já a maioria dos teólogos, compartilha a visão de que o falar em línguas ficou confinado nos tempos apostólicos e ocorreu apenas entre os poucos seguidores de Jesus. A interpretação antropológica para a glossolalia é uma forma de possessão espiritual que culmina em uma vocalização inteligível geralmente acompanhada de movimentos involuntários. Diferente de muitas outras interpretações, a autora admite a possessão como uma ação externa causada no indivíduo. Seu método escolhido foi de colher as informações de campo como uma participante observadora. Ela preferiu ficar longe de experiências próprias para obter informações da forma mais exata o possível. Primeiramente, Goodman pediu permissão ao Pastor Torres da Cuarta Iglesia para se juntar a congregação como observadora. Ao se apresentar a congregação, a autora disse o quanto estava cansada do mundo de fora e queria ouvir sobre os milagres e os dons do Espírito Santo dados a eles, que ela tinha ido até lá para aprender com eles.

Goodman se adaptou o mais próximo o possível das formas de viver das mulheres do grupo, vestiu roupas conservadoras, ficou sem joias, sem maquiagem e sempre cobria a cabeças com um manto nos serviços da congregação. Ela viveu com a família de um dos membros, participava dos serviços e se ajustou as demais convenções. Ela sempre levava um caderno onde fazia suas anotações. Utilizou-se de questionários, fez entrevistas perguntando informações como idade, ocupação e data da primeira manifestação glossolálica, analisou a glossolalia em fitas gravadas, estudou os detalhes fonéticos e suprasegmentais da fala glossolálica e aprendeu o dialeto maia para melhorar sua comunicação com os paroquianos. Goodman obsevou tudo o possível. Um observador não pode entrar em um grupo sem afetá-lo de alguma forma. Houve uma demora do grupo para se abrir com a autora. Ela não chegou a ouvir a glossolalia nos primeiros encontros, só depois de um tempo na congregação.

A autora tentou permanecer o tempo todo com sua função de observadora e não se batizou. Devido sua posição, houve pressão de todos da congregação:

“You, Hermana Felicitas, if you don’t surrender to God, you will most certainly die” (GOODMAN, 1972:22)

Caso a autora se rendesse a esta pressão, ela não poderia ser mais classificada como observadora. Não faz parte de uma atividade de campo tornar-se membro, isto seria uma atitude perigosa que afetaria o trabalho de campo. Não se pode ser observador e estar dissociado ao mesmo tempo. O falar em línguas é citado diversas vezes na bíblia e praticado no mundo todo, porém ele é pouco estudado. Segundo os pentecostais, esta vocalização representa o Espírito Santo agindo dentro da pessoa. Não é um fenômeno de vocalização feito por si mesmo, são palavras reveladas do Espírito Santo em línguas de fogo.

A glossolalia é considerada uma divina possessão, quem fala em línguas se torna um forte credor e sente uma tremenda felicidade após a experiência. Ela é interpretada como uma evidência do batismo do Espírito Santo, uma confirmação que aquela pessoa esta certa com Deus, como se seu corpo se transforma-se em um templo onde agora vive o Espírito Santo. Sua aquisição é considerada um novo nascimento, uma promessa de salvação. Nas duas congregações analisadas, as pessoas que não conseguem adquirir este comportamento são vistas pelos demais como possuídas por Satanás. Ele é um fator determinante que diferencia quem é apto ou não para ingressar nestas congregações, um comportamento obrigatório entre os membros do grupo.

Há uma motivação psicológica no interior dos grupos para aderirem este comportamento. Para se tornar membro da congregação é necessário primeiro ser batizado no Espírito Santo. As pessoas almejam a glossolalia não apenas em busca da sensação de desfrute, mas para serem aceitos pela comunidade. Ao adquirir este comportamento, a pessoa passa a ter uma diferente vida em sociedade com uma maior interação com os demais membros. Tal fato pode ser explicado pelo modo com que a glossolalia é interpretada pelas pessoas de fora desse grupo. O comportamento glossolálico assusta quem é de fora da congregação, quem não pertence a esse movimento julga a glossolalia como loucura ou bruxaria. A glossolalia ganha maior atenção na década de 1960, após o surgimento do movimento pentecostal e suas ramificações. A pesquisa de Goodman é realizada entre 1968 à 1970, as congregações visitadas pela a autora foram a da *Cuarta Iglesia Apostólica de la Fé en Cristo*, localizada na sessão pobre da capital do México e a *Apostólica Igreja de Yucatan*, localizada em um pequeno vilarejo maia em Yutzpak.

O serviço da Cuarta Iglesia se inicia com um canto seguido por uma breve oração. Após a oração, testemunhos são pedidos e o pastor lê um texto bíblico. É iniciado outro canto, este é mais rápido, ritmado e acompanhado por um forte bater de palmas. As pessoas começam a ir para o altar, ficam de joelhos e oram

em línguas. O *chamado ao altar* é concluído com um sinal do sino do pastor. O pastor lê mais um texto bíblico, a oferta é pega, é dado um sermão e o encontro é concluído com mais um canto. A glossolalia desta congregação geralmente ocorre durando *no chamado ao altar*, nome dado pela própria comunidade ao momento em que ocorre a manifestação do Espírito Santo na Cuarta Iglesia.

As mulheres desta congregação entram em glossolalia com maior facilidade que os homens, a maioria das mulheres da congregação são glossolalistas. Já os homens, menos da metade. Mas estes tem um comportamento diferencial durante o transe, com um levantar de mãos, agitação da cabeça e contração dos músculos da face. Fora isso, a glossolalia dos homens é bem mais alta do que das mulheres, dando a impressão que apenas os homens possuem uma forte manifestação do Espírito Santo. Nas mulheres, o único comportamento semelhante entre elas na hora do transe é o choro.

Já em Yutzpak, Goodman não chega a descrever todo o serviço desta congregação, mas descreve as três fases do seu estado dissociativo. A primeira consiste em cantar hinos de forma rápida e ritmada com bater de palmas no altar, na segunda fase os membros começam a orar em voz alta e desta oração emerge a terceira fase, que é o “falar em línguas”. Para esta congregação, a segunda vinda de Cristo esta muito próxima, e o mais importante a se fazer é se tornar batizado e pregar o evangelho a todas as almas. A glossolalia é vista por este grupo como uma profissional ferramenta para o exorcismo.

O estado mental dissociativo não é nada exclusivo do cristianismo. A hipótese de Goodman é que o glossolalista fala desse jeito, pois sua fala habitual é alterada pela forma que o corpo reage em alterado estado de consciência. Neste estado, o sujeito raramente fica imóvel, há um movimento que acompanha e intensifica todo o transe. Este movimento é classificado por Goodman como cinético comportamento. Ele sofre intensa influência cultural, é estruturado pelo grupo e repercute na conclusão do transe.

Em suas observações, a autora observou diferentes movimentos como: tremores, bater de palmas, pulos, entre outros movimentos. Muitos destes são ritmados, pois a maioria das pessoas em estado dissociativo oram com movimentos repetitivos. Os movimentos praticados durante o transe costuma variar de grupo para grupo, podem servir de gatilho para entrar em transe e interação com a vocalização. Há uma especulação que conter o comportamento pode causar uma erupção interna, uma espécie de transtorno na pessoa. O comportamento glossolálico é uma experiência intensa onde a maioria das pessoas não tem controle

do seu comportamento. Mas há aqueles que possuem um certo controle sobre sua própria manifestação, como Felipe, ministro da congregação de Utzpak, consegue:

*I can control it, and if i don't want to, then i can contain myself. I can also control wheter I speak loudly ou quietly (Goodman, 1972:84).*

Geralmente, as pessoas que possuem esta manifestação mais controlada são os ministros. Além deste controle, eles também possuem performances em dissociação. A pessoa que fala em glossolalia não entende o que esta dizendo. Quando a experiência vem ela é percebida psicologicamente, como também é percebida a falta de controle da própria língua. A pessoa sente uma excitação, a significativa fala vai se dissolvendo de forma lenta e a glossolalia toma conta. A glossolalia é uma vocalização inteligível ditas no estado de possessão com palavras que parecem vir de fora do corpo e são geralmente acompanhadas por movimentos cinéticos. A maioria da fala glossolálica é exibida com ataques, acentos e características fonológicas semelhantes. Esta vocalização vem na forma de uma descarga de energia seguida por uma fala de pulsada frequência. A glossolalia é geralmente rápida, repetitiva e de exaustiva produção que requer grande esforço vocálico. Dependendo do indivíduo, a alta energia vocalizada pode persistir por várias horas. A fala glossolálica aparece na maioria das vezes descrita como uma produção psicológica, mas pode ser um modelo-orientado. Este modelo é fixado, não necessariamente com o mesmo molde, mas como um guia para entrar em transe. Sílabas ouvidas por um observador que grava de quem o guiou:

*In Mérida a young girl was singing in dissociation in a melody line very similar to that of Gregoria Who had guided her. (Goodman, 1972: 95).*

A jovem garota foi guiada em transe por outro glossolalista a produzir a fala, o que gerou uma fala glossolálica muito semelhante a do seu orientador. Na Cuarta Igreja, o Pastor Torres guiou grande parte dos membros da congregação a entrar em transe. A fala destes membros sofreu grande influência desse pastor, ao comparar a fala destes, o modelo-orientador se torna evidente. O pulso imitado não significa uma estável produção. A fala glossolálica muda o tempo todo, isto é percebida pela perda de intensidade, atenuação e mudança de duração. Goodman, em seu estudo fonético, compara a entonação da habitual fala dos membros com a entonação glossolálica. Há variações de níveis, volume e intensidade. Ela transcrever as falas glossolálicas gravadas em sua pesquisa de campo, molda as

ondas sonoras, separa o sinal fonético e marca o pico das sentenças, das palsas e da intonação, tudo isso em forma de gráfico.

Goodman analisa diversas falas, uma delas com habituais palavras que segundo a autora também pode ser classificada como glossolalia por conter alto pico, frequência de pulso elevada e entonação semelhante as sentenças glossolálicas. Outra análise também interessante é a de uma possessão em um culto de umbanda. Nesta gravação, a pessoa não chega a falar nenhuma glossolalia, mas há uma melodia intercalada com uma rápida respiração que apresentam curvas, frequência de pico e entonação semelhantes a uma fala glossolálica. A vocalização glossolálica é apenas a superfície de uma profunda estrutura denominada alterado estado de consciência. O transe sim é a primeira manifestação, a glossolalia é uma manifestação secundária elaborada dentro desse substrato. Há um esforço conjunto da congregação para que cada vez mais membros falem em línguas. Geralmente, cada grupo possui uma aprendizagem sistemática de como desenvolver o estado de transe, este segue um modelo culturalmente estruturado pelo grupo. Há diferentes mecanismos de gatilho e estratégias para induzir o transe, como por exemplo, a hiperventilação, uma rápida respiração que em poucos minutos elimina grande quantidade de dióxido de carbono do cérebro, o que pode gerar convulsões e distúrbios na consciência. Um dos muitos mecanismos utilizados para entrar em transe são as palavras. Goodman se impressiona ao perceber que muitas são as pessoas que usam palavras para entrar em dissociação.

Those who wish to receive the Holy Spirit are to repeat, "Séllame, Séllame", nothing else. (Goodman, 1972:80).

Palavra utilizada pelos membros da congregação de Utzpak para entrar em dissociação. Já na Cuarta Iglesia, para obter o comportamento glossolálico a congregação deve se ajoelhar perante ao altar e suplicar a manifestação ao Senhor. Cada congregação se esforça a sua maneira para alcançar a vocalização. A maioria das pessoas só adquire a capacidade de falar em línguas após terem visto uma demonstração da manifestação em outras pessoas. Nestes casos, o que aparenta ser um transe espontâneo na realidade não é. Um fator que contribui para isto é o período em que a pessoa aguarda para adquirir este comportamento. Este período é denominado pela autora como espera cultural. Nesta espera, é transmitido ao grupo demonstrações de transe, explicações sobre esse comportamento e condições favoráveis para obtê-lo, ou seja, informações preliminares importantes

sobre esse comportamento. Algumas pessoas conseguem entrar em dissociação de forma espontânea, sem ninguém mostrá-los como. Tal transe terá movimentos e glossolalia diferentes do resto do grupo. Nenhum etnógrafo é imune das influências culturais na sua pesquisa de campo. A autora afirma ter tido sua própria experiência de transe:

The last conscious memory i have of the episode to follow is that thinking, at rome when i was a child, we were taught a little prayer to say befora we Sat down in church. Then someplace in the church, I do not remember where, I leaned against something, I do not know what. I saw light, but then again I was surrounded by light, or perhaps not, because the light was in me, and I was the light. In this light I saw words in black outline – or were they just letters? – descending upside down as if on a waterfall of light. And at the same time I was full of a gaiety as if me entire being were resounding with silver bells. (Goodman, 1972: 72)

Goodman afirma não ter forçado nenhum transe de sua parte, diz ter sido espontâneo. Sua interpretação para esse incidente é que a grande proximidade da autora com esse objeto de análise e o fato de ela ter visto muitas vezes pessoas entrando em dissociação, tenha influenciado seu transe. O incidente não aconteceu novamente. A própria autora, intencionalmente, bloqueou os subsequentes transes para continuar sua pesquisa da forma mais objetiva possível. Com o passar do tempo, ocorre uma atenuação da capacidade glossolálica. O comportamento, a fala e o prazer da primeira manifestação nunca mais são alcançados. Porém, uma vez adquirida a manifestação glossolálica, as subsequentes podem ser iniciadas com maior facilidade. Goodman percebeu que com o tempo, há um considerável declínio de energia devido a atenuação do transe. O comportamento ocorre com menos barulho, diferentes níveis de pico e com menores esforços para pronunciar as vogais. Tanto o volume quando a intensidade da fala glossolálica decai. A dissociação vai se tornando contraída, ocorrendo apenas fracos transes.

Este comportamento pode não ser facilmente concluído. Um transe bem concluído é de suma importância para a consciência do indivíduo. Ao despertarem do transe, as pessoas abrem os olhos e aparentam estar desorientadas. Há pessoas que ao retornarem do estado dissociativo não se lembram do que ocorreu, a autora denomina essa falta de memória após o transe como estado de vigília. As pessoas continuam dizendo que ainda não tiveram a manifestação quando na verdade já tiveram, mas não se recordam. Nas duas congregações analisadas pela autora, o transe do grupo é interrompido com o tocar de um sino. Este estímulo é recebido através de um estreito canal que fica aberto durante o estado dissociativo. É importante aprender a sair do estado de dissociação. Prolongados transes

aumentam as chances de vômitos, febres e perigosos tremores. O trabalho de Felicitas D. Goodman é inovador, ela utiliza termos científicos para descrever o “falando em línguas” sem desrespeitar essa crença que não tem sido explorada nem conceitualizada de forma adequada na literatura. Devemos olhar com outros olhos esse comportamento que causa estranheza a tantas pessoas. Estas análises mostram um surpreendente cruzamento cultural com muitas semelhanças na fala glossolálica e no cinético comportamento. A autora nos revela o quanto esta prática é importante para os povos que a praticam e a necessidade de maior empenho de outras áreas explorarem este objeto.